

EDITORIAL

No seu quarto ano, *Amazônica* apresenta em seu primeiro número uma coleção de artigos que mostram o estado da arte na arqueologia amazônica. É impressionante como a disciplina cresceu nos últimos dez anos! Ao final do século XX, podia-se contar nos dedos da mão direita o número de arqueólogos trabalhando na área. Agora há dezenas de jovens arqueólogos enfrentando o desafio de fazer trabalho de campo na floresta tropical. Como se pode notar lendo os nomes dos autores no sumário, a pesquisa tem crescido devido ao apoio da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal do Pará. É fato que o estabelecimento de programas de pesquisa de longo prazo depende de universidades. A história é instrutiva nesse caso. A arqueologia nos Estados Unidos começou com o Bureau of American Ethnology ao final do século XIX. Entretanto, apesar da enorme contribuição do Bureau para assentar as bases para o trabalho arqueológico e etnológico focado nos indígenas americanos, foi somente quando Franz Boas surgiu que a antropologia se espalhou pelo país, na medida em que departamentos de antropologia foram criados e cientistas talentosos obtiveram seus PhDs na disciplina voltada aos quatro campos que emergia.

Os artigos nessa edição lidam com assuntos importantes para a arqueologia amazônica, tais como a interpretação da distribuição de estilos cerâmicos, práticas funerárias, conflitos, e padrões de assentamento. Estilos cerâmicos que se originaram ao longo do rio Orenoco se espalharam por outras regiões amazônicas, ao sul e a leste, um fato que coloca esta área como crítica para entender antigos

movimentos populacionais. Contato cultural continua sendo um assunto polêmico na arqueologia da região e abordagens distintas são buscadas pelos autores. A arqueologia amazônica tornou-se mais diversificada em temas e abordagens, o que é excelente. As grandes teorias não são mais apropriadas para dar conta da imensa variabilidade em desenvolvimentos culturais na área. A Amazônia tem sido por longo tempo um laboratório para o estudo de culturas indígenas, no passado e no presente. Agora nós podemos ver uma tendência rumo a visões mais pluralísticas do passado amazônico, o que pode certamente se beneficiar de uma arqueologia antropológica.

As editoras

EDITORIAL

In its fourth year, *Amazônica* presents this first issue a collection of the state of the art articles on Amazonian archaeology. It is amazing how the discipline has grown in the last ten years! At the end of the 20th century, you could count on your right hand fingers the number of archaeologists working in the area. Now, there are dozens of young archaeologists facing the challenge of doing fieldwork in the tropical forest. As one would notice, reading the authors' names in the summary, research has increased due to the scholarly work supported both by the University of São Paulo and the Federal University of Pará. It is a fact that establishing long term research programs in a disciplinary field depend upon universities. History is instructive in this case. Archaeology in the United States started within the Bureau of American Ethnology in the late 19th century. However, despite the enormous contribution of the Bureau to set the basis for archaeological and ethnological work focused on the American natives, it was only when Franz Boas came into the picture that anthropology spread throughout the country as Anthropology departments were created and talented scientists could get their PhDs in the emerging four field discipline.

The articles in this edition deal with important issues for Amazonian archaeology, such as the interpretation of ceramic styles' distribution, funerary practices, conflicts, and settlement patterns. Ceramic styles that originated along the Orinoco river spread into other Amazonian regions, to the south and east, a fact that

places this area as critical to understand ancient population movements. Culture contact remains a hot topic in the archaeology of the region, and different approaches are pursued by the authors.

Amazonian archaeology became more diversified in themes and approaches, which is excellent. Grand theories are no longer suitable to grasp the amazing variability in cultural developments in the area. Amazônia has long been a laboratory for the study of indigenous cultures, past and present. We can now see a trend towards more pluralistic views on the Amazonian past, which can surely benefit from an anthropological archaeology.

The editors